

Coim
Cat. XXV
Ca. B
N.º

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO I



COIMBRA / 1940

Prof. Doutor António Garcia Ribeiro de Vasconcelos

Dez anos são passados sôbre o momento em que, ao avizinhar-se o limite que a lei inexoravelmente marca ao labor docente, o prof. Doutor António de Vasconcelos abandonou a sua cátedra da Faculdade de Letras, escola cuja actividade êle acompanhara desde os primeiros passos, quando a reforma de 1911 substituiu o ensino de Humanidades ao de Teologia, e cujo grandioso edificio fêz erguer com persistência quási sôbre-humana.

Vão passados dez anos! E, contudo, o éco perdura ainda do seu magistério notabilíssimo que instituiu em Coimbra o ensino da Epigrafia e da Numismática, e restaurou o da Paleografia, da Diplomática e da Esfragística, renovando o brilho dos tempos em que, há mais dum século, o grande João Pedro Ribeiro aqui as ensinou.

Não é, porém, o professor que pretendo especialmente evocar, mas sim o historiador que reformou o Arquivo da Universidade, dirigindo-o durante muitos anos, e cuja obra de construção histórica é, por tantos títulos, notável.

Extensa é a lista bibliográfica do Prof. António de Vasconcelos ; porém ao meu intento basta focar três obras que retratam a evolução do historiador : *D. Isabel de Aragão, Inês de Castro e Sé Velha de Coimbra*.

D. Isabel de Aragão é, digamos, a obra da juventude ; representando alguns anos de pesquisas e meditações, o

seu autor contava apenas 34 anos quando a publicou. E a primeira, mas sólida prova de historiador já feito. Embora sacerdote, não hesitou, ao buscar o verdadeiro ponto de partida do culto de Santa Isabel, em pôr fora do número de verdades históricas algumas das lendas com que a tradição adornava a biografia da excelsa figura de D. Isabel de Aragão. No limiar do túmulo daquela que em vida foi Rainha, e hoje é venerada nos altares, entendia o historiador que estava o limite inicial da sua tarefa; e assim, sobrepondo-se ao homem de Fé, escreveu o seguinte: «Guiados pela história, avançamos até à morte da Santa Rainha, mas nenhum fio seguro pode conduzir-nos além dessa meta». E só ao encerrar o estudo, quando o historiador ia depor a pena, ê que deixou enfim — com que júbilo! — que o crente lhe guiasse a mão ao traçar as últimas palavras : «... nossa celeste protectora a Rainha Santa Isabel».

Inês de Castro é uma amostra do dedicado labor docente do Doutor António de Vasconcelos como professor da História de Portugal. Assim no-lo diz o seu ilustre autor, acrescentando modestamente ao título da obra a menção de se tratar apenas de elementos para algumas das suas lições professadas na cadeira de História de Portugal. «Modestamente» — acabo de dizer; e com sobrado motivo, porquanto, nas páginas de *Inês de Castro*, a par de uma sólida erudição e de uma inteligente análise do desenvolvimento da *lenda inesiana*, surge, como traço de génio, a interpretação da enigmática imaginária que decora os túmulos de Alcobaça.

A *Sé Velha de Coimbra* denuncia outra faceta do indefesso trabalhador ; aqui é a história de um monumento que surge, servida pelos conhecimentos especiais que tal género de trabalhos pressupõe. Mais uma vez se

mostra a sua sólida erudição, aliada agora àquela subtileza de espírito que o leva a descobrir, numa pedra aparentemente vulgar, o altar românico que vandálicas mãos tinham desterrado da capela-mór do magestoso templo, e se reputava perdido. Fôra, aliás, já o mesmo engenho súbtíl que levara o Doutor António de Vasconcelos a localizar, sem mais elementos que a paciente combinação de medidas topográficas com certos dados documentais, a situação do demolido Paço da Rainha, além da ponte; e com tanta precisão então o fez, que, anos depois, arrancada a argamassa que revestia um muro no local que o brilhante investigador assinalara teoricamente como sendo o da referida edificação, ali se acharam algumas janelas geminadas no estilo da época ; tratava-se com efeito dos restos da fachada ocidental do Paço da Rainha. A conjectura, tão sábia e argutamente architectada pelo Doutor António de Vasconcelos, correspondera rigorosamente à verdade histórica.

As três obras que deixo rápidamente focadas, bem como tôdas as demais do mesmo ilustre autor, revelam o carinhoso culto que êle tem sempre tributado a Coimbra, às suas mimosas tradições e à sua gloriosa história. E não só a Coimbra, como a Portugal inteiro, sôbre o qual se derramam iniludivelmente aquelas tradições e aquela história. Com efeito, *D. Isabel de Aragão*, *Inês de Castro* e *Sé Velha de Coimbra*, só formalmente são monografias; — nas suas páginas, literariamente tão cuidadas, espécimen admirável de harmoniosa conjugação da arte e da ciência, desenhou o Dr. António de Vasconcelos, com mão de mestre, algumas das épocas mais interessantes da vida nacional.